

Fora da caridade não há salvação, a autoria e o significado

"[...] e amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Jesus, em Mateus 19,19)

Introdução

Esta máxima espírita "fora da caridade não há salvação" aparece várias vezes nas obras da Codificação Espírita. Geralmente é vista como de autoria de Allan Kardec (1804-1869).

O tema mereceu estudo especial do Codificador que o analisou no cap. XV – Fora da caridade não há salvação de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, onde, na parte destinada às "Instruções dos Espíritos", foi inserida uma mensagem de Paulo, apóstolo, dada em Paris (1860) na qual ela consta.

Certamente que poderão surgir questionamentos a respeito do seu teor, como, por exemplo, este, cuja autoria não importa identificar: "*Se fora da caridade não há salvação*, então é uma caridade com um objetivo, é como dar uma coisa e receber algo em troca."

Nosso propósito, nesse artigo, é justamente o de ver se faz sentido tal questionamento. Aproveitaremos também identificar quando e por quem ela foi dita pela primeira vez, assim como o contexto em que, por várias, foi empregada.

Qual é o seu significado?

Empreenderemos uma busca nas várias obras publicadas pelo Mestre de Lyon, cujo resultado, certamente, nos ajudará a desvendar o verdadeiro significado dessa expressão. Dos vários trechos que encontramos os mais importantes serão transcritos e colocados em ordem cronológica.

1ª) ?/1860: [citada em O Evangelho Segundo o Espiritismo](#)

Em Instruções dos Espíritos do cap. XV, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, a mensagem intitulada "Fora da caridade não há salvação", tem a

assinatura de Paulo, o apóstolo, ocorrida em Paris, 1860, da qual transcrevemos:

10. Meus filhos, na máxima: ***Fora da caridade não há salvação, estão contidos os destinos dos homens, na Terra e no Céu;*** [...] Nada exprime melhor o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, do que essa máxima de ordem divina. **O Espiritismo não poderia provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, pois ela é o reflexo do mais puro Cristianismo.** Com semelhante guia, o homem nunca se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a compreender-lhe o sentido profundo e as conseqüências, a buscar, por vós mesmos, todas as suas aplicações. **Submetei todas as vossas ações ao controle da caridade e a consciência vos responderá.** Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também vos levará a praticar o bem, já que não basta uma virtude negativa; é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, é preciso sempre a ação da vontade; para não se praticar o mal, basta muitas vezes a inércia e a indiferença.

Meus amigos, agradecei a Deus por haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. **Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é sim que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos.** Fazei, pois, com que os vossos irmãos, ao vos observarem, possam dizer que o verdadeiro espírito e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, **visto que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam.** – Paulo, o apóstolo. (Paris, 1860.) (¹) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Dessa transcrição ressaltamos: “[...] a luz do Espiritismo. Não é somente os que a possuem hajam de ser salvos” e “todos quanto praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam”. São claras e objetivas explicações que demonstram não serem só os Espíritas que se salvam, mas todos aqueles que praticam a caridade, que, em última instância, é “o amor ao próximo” em ação.

Essa é a primeira vez em que é mencionada a frase “fora da caridade não há salvação”, assim, somos forçados a concluir que a sua autoria é de Paulo e não de Allan Kardec como inicialmente supúnhamos. Aliás, ela tem tudo a ver com que ele disse aos coríntios à época de Jesus, conforme bem nos lembra o Codificador, nesse capítulo, no tópico “Necessidade da caridade, segundo Paulo”:

6. Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine; ainda que tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios

1 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 206-207.

e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda que tivesse toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, *se não tiver caridade, nada sou*; e mesmo que houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, pois, permanecem estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade. (PAULO, I Coríntios, 13:1 a 7; 13.)⁽²⁾ (grifo itálico do original)

Observamos que aqui Paulo já tinha a caridade como máxima maior a ser seguida por todos nós.

2ª) Janeiro/1861: *Revista Espírita*

Do artigo “A bibliografia católica contra o Espiritismo”, que comenta a obra *Bibliografia católica* publicada pelo Sr. George Gandy, transcrevemos o seguinte trecho dos comentários de Allan Kardec:

A caridade é, pois, o princípio fundamental da doutrina do Cristo. De onde concluímos que toda palavra e toda ação contrárias à caridade não podem ser, como o dissestes com uma perfeita verdade, inspiradas senão por Satã, então mesmo que ele revestisse a forma de um arcanjo; **é por esta razão que o Espiritismo diz: *Fora da caridade não há salvação.*** ⁽³⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Talvez aqui tenhamos o motivo pelo qual o Mestre de Lyon adotou a frase de Paulo como máxima do Espiritismo: “A caridade é, pois, o princípio fundamental da doutrina do Cristo.”

3ª) Fevereiro-setembro/1862: *Revista Espírita*

Em fevereiro, é publicado o artigo “Resposta ao requerimento dos espíritas lioneses por ocasião do ano novo”, do qual ressaltamos:

[...] Ficai avisados de que a luta não terminou. Estou prevenido de que tentarão um supremo esforço; mas não temais: a garantia do sucesso está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: *Fora da caridade não há salvação.*

2 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 204-205.

3 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 15.

Empunhai-a bem alto, porque ela é a cabeça de medusa para os egoístas. (⁴)

O Codificador aqui incentiva aos espíritas lioneses para tomar a máxima espírita como meta.

Em setembro, Allan Kardec publica sua resposta ao convite dos espíritas de Lyon e de Bordeaux, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

Estou feliz, meus amigos, em ver tantos grupos unidos num mesmo sentimento, e caminhar em comum acordo para esse nobre objetivo que nos propusemos. Sendo esse objetivo exatamente o mesmo para todos, não poderia nele haver divisão; **uma mesma bandeira deve vos guiar, e sobre esta bandeira está escrito: *Fora da caridade não há salvação***. Ficai certos de que será ao redor dela que a Humanidade inteira sentirá necessidade de se unir, quando estiver cansada das lutas engendradas pelo orgulho, pelo ciúme e pela cupidez. Esta máxima, verdadeira âncora de salvação, porque ela será o repouso depois da fadiga, **o Espiritismo terá a glória de tê-la proclamado primeiro**; inscrevi-a em todos os lugares de reunião e em vossas casas particulares; **que ela seja doravante a palavra de união entre todos os homens que querem sinceramente o bem**, sem pensamento dissimulado pessoal; mas *faizei melhor ainda, gravai-a em vossos corações*, e gozareis desde o presente da calma e da serenidade que nela haurirão as gerações futuras, quando ela for a base das relações sociais. Sois os vanguardeiros; deveis dar o exemplo para encorajar os outros a vos seguir. (⁵) (grifo itálico do original, negrito nosso)

O Codificador incentiva os Espíritas a praticarem a caridade, porém, não é exclusivista dizendo que só eles é que se salvam, mas amplia sua orientação para “que ela seja doravante a palavra de união entre todos os homens que querem sinceramente o bem”, ou seja, pensa de forma Universalista.

4ª) Dezembro/1862: *Viagem Espírita em 1862*

Temos nela o registro da viagem, no outono de 1862, que Allan Kardec fez com o objetivo de propagar o Espiritismo. No discurso pronunciado nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux (I), ele desenvolve vários temas ligados ao Espiritismo, e entre eles destacamos o seguinte:

[...] O Espiritismo tem por divisa: ***Fora da caridade não há salvação***, o que equivale dizer: *Fora da caridade não pode existir verdadeiros espíritas*. Solicito-vos inscrever, daqui para frente, esta divisa em vossas bandeiras, *pois que ele resume ao mesmo tempo a finalidade do Espiritismo e o dever que ele impõe*. (⁶) (grifo

4 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 36.

5 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 277-278.

6 KARDEC, *Viagem Espírita 1862*, p. 45.

itálico do original, negrito nosso)

Tanta importância dava à máxima, que não se cansava de orientar aos espíritas para segui-la, ressaltando ser essa a finalidade do Espiritismo e o dever que ele nos impõe, pois somente se assim o fizessem poder-se-ia dizer que seriam “verdadeiros espíritas”.

Mais à frente temos o “Discurso pronunciado nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux (III)”, no qual lemos:

Quando se considera o estado atual da sociedade, é-se tentado a olhar sua transformação como um milagre. Pois muito bem! Este é o milagre que o Espiritismo deve e pode realizar, pois que está nos desígnios de Deus, e isto com o auxílio de uma divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Tome a sociedade esta máxima por emblema, conforme a ela sua conduta, substituindo-a por esta outra, que está na ordem do dia: *A caridade bem ordenada é a parte dos outros para nós*, e tudo se modificará. Toda a questão será fazer esse tema aceito.

A palavra caridade, vós o sabeis, Senhores, tem uma acepção muito extensa. Há caridade em pensamentos, em palavras, em atos. Ela não é tão somente a esmola. O homem é caridoso em pensamentos sendo indulgente para com as faltas do próximo. A caridade em forma de palavra nada diz que possa prejudicar a outrem. A caridade em ações assiste ao próximo na medida de suas forças. O pobre que partilha seu pedaço de pão com o companheiro mais carente do que ele, é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus do que o rico que dá do seu supérfluo sem de nada se privar. Quem alimenta contra seu próximo sentimentos de ira, de animosidade, de ciúme, de rancor, falta com a caridade. **A caridade é a antítese do egoísmo.** Este é a exaltação da personalidade, aquela a sublimação da personalidade. [...] O egoísmo faz com que o interesse pessoal prevaleça acima de tudo. Cada pessoa arrebatada o que pode para si; o semelhante é visto apenas como um antagonista, um rival que pode se intrometer em nosso caminho, que podemos explorar ou que pode nos explorar. [...] **Substitua-se o egoísmo pela caridade e tudo será diferente.** Ninguém procurará fazer mal ao seu vizinho, as iras e os ciúmes se extinguirão à falta do que os alimente, e os homens viverão em paz entreajudando-se ao invés e mutuamente se despedaçando. Se a caridade substituir o egoísmo, toda as instituições sociais passarão a ter por alicerce o princípio da solidariedade e da reciprocidade. O forte protegerá o fraco ao invés de explorá-lo. (7) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Foi necessária uma transcrição maior, uma vez que temos Allan Kardec dando importante explicação sobre o que se deve entender por caridade. Vê-se, claramente, que não é algo relacionado a moeda de troca para se conseguir a salvação de graça, ou seja, sem qualquer esforço próprio.

7 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 64-65.

5ª) Novembro-dezembro/1863: *Revista Espírita*

Em novembro, no artigo “Ordem do monsenhor Bispo de Argel contra o Espiritismo”, temos o seguinte comentário de Allan Kardec:

[...] É verdade que a guerra santa, guerra de extermínio como a das cruzadas, duraria ainda, que centenas de milhares de soldados teriam perecido, que teríamos sido talvez forçados a abandoná-la; mas o que é isso quando se trata do triunfo da fé! Ora, eis bem um outro flagelo; **o Espiritismo que vem, em nome do Evangelho, proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos, e cimentar a união** inscrevendo sobre sua bandeira: *Fora da caridade não há salvação*.⁽⁸⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Como sempre, Allan Kardec não deixa margem à dúvida: “o Espiritismo que vem, em nome do Evangelho, proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos, e cimentar a união”, do que não se pode concluir aquilo que se faz no questionamento que mencionamos no início.

Em dezembro, da mensagem de François Nicolas Madeleine, intitulada “São Paulo, precursor do Espiritismo”, recebida em 9 de outubro de 1863, destacamos este trecho:

“[...] É assim que, **em sua primeira epístola aos Coríntios, ensina que sem a Caridade não existe nenhum homem, fosse ele santo, fosse profeta, transportasse montanhas, que possa se gabar de ser um verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo**. Como os Espíritas, e **antes dos Espíritas, foi ele quem proclamou primeiro esta máxima que faz a vossa glória: Fora da caridade não há salvação!** Mas este não é o único lado que se liga à Doutrina que nós vos ensinamos e que propagais hoje. Com essa alta inteligência que lhe era própria, previu o que Deus reservava ao futuro, e notadamente essa transformação, essa regeneração da fé cristã, que sois chamados a assentar profundamente no espírito moderno, uma vez que descreve na epístola já citada, e de maneira indiscutível, as principais faculdades medianímicas que chama os dons benditos do Espírito-Santo.”⁽⁹⁾ (grifo nosso)

Assim, na visão desse Espírito, foi Paulo quem primeiro falou algo que vem referendar a frase que Allan Kardec colocou como sendo a máxima do Espiritismo.

6ª) Abril/1864: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*

No cap. XV – Fora da caridade não há salvação, Allan Kardec analisa mais

8 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 336-338.

9 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 371.

de perto a questão. Vejamos alguns itens:

5. **Caridade e humildade, tal o único caminho da salvação**. Egoísmo e orgulho, tal o da perdição. Este princípio se acha formulado em termos precisos nas seguintes palavras: **“Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.”** E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: “E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro”, isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. **Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: *Fora da caridade não há salvação.*** ⁽¹⁰⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Não temos como negar que “não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: *Fora da caridade não há salvação*”, é fácil observarmos que a orientação aqui é genérica, ou seja, para todos os homens, e não exclusivamente para os espíritas.

8. Enquanto a máxima – *Fora da caridade não há salvação* – se apoia num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma – *Fora da Igreja não há salvação* – se baseia não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas numa *fé especial, em dogmas particulares*; é exclusivo e absoluto. Em vez de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. **A máxima – *Fora da caridade não há salvação* – é consagração do princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo esta máxima por regra, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma – *Fora da Igreja não há salvação*, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, já que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.**

9. ***Fora da verdade não há salvação* equivaleria ao *fora da Igreja não há salvação* e seria igualmente exclusivo**, porque **não existe uma única seita que não pretenda ter o privilégio da verdade**. Que homem se pode vangloriar de a possuir integralmente, quando o círculo dos conhecimentos se alarga sem cessar e as ideias se retificam a cada dia? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de

10 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 204.

Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscricção geral, ao passo que **a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, podem todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, desde que a Lei de Deus seja observada, não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação***; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: *Fora da verdade não há salvação*, máxima que dividiria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos. ⁽¹¹⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Esses comentários de Allan Kardec esclareceram a questão de não ser a prática da caridade um tipo de moeda de troca para garantir a salvação de alguém. Tem sim, o sentido universalista e algo que todos podem fazer, sem acepção da crença religiosa e, especialmente, sem levar em conta a posição social que o indivíduo ocupa, pois pobres, ricos, letrados e iletrados, por exemplo, podem praticá-la, uma vez que o seu móvel é apenas a capacidade de amar ao próximo.

No cap. XVI – Não se pode servir a Deus e a Mamom, lemos no tópico “Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria”:

O que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a descobrir o âmago do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe, mas não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até a abnegação. **Foi isso que Jesus quis demonstrar. Era uma aplicação do princípio: “Fora da caridade não há salvação”**. ⁽¹²⁾ (grifo nosso)

No cap. XVIII – Muitos os chamados, poucos os escolhidos, nos comentários de Allan Kardec sobre a parábola do festim das bodas, temos:

No entanto, não basta ser convidado; não basta dizer-se cristão nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter pureza de coração e praticar a lei segundo o espírito. **Ora, a lei toda se contém nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação***. Contudo, entre os que ouvem a palavra divina, quão poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Quão poucos se tornam dignos de entrar no Reino dos Céus! É por que Jesus falou: “*Chamados*

11 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 205-206.

12 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 213.

haverá muitos; poucos, no entanto, serão os escolhidos.” ⁽¹³⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Nessas duas últimas transcrições vemos qual era o sentido prático que o Codificador dava aos ensinamentos de Jesus.

7ª) Julho-setembro/1864: *Revista Espírita*

Em julho, no artigo “A religião e o progresso”, merece destaque:

Eis disso já uma aplicação. Há poucos anos ainda **o dogma: Fora da Igreja não há salvação estava com toda a sua força**; o batismo era de condição tão imperiosa, que bastava que o filho de um herético o recebesse clandestinamente, e malgrado a vontade de seus pais, para ser salvo, porque tudo o que não era rigorosamente ortodoxo era irremissivelmente condenado. Mas a razão humana tendo se lembrado desses bilhões de almas votadas às torturas eternas, então que não havia dependido que fossem esclarecidas da verdadeira fé, das inumeráveis crianças que morrem antes de terem a consciência de seus atos, e que por isso não são menos condenadas, se a negligência ou a fé religiosa de seus pais a privaram do batismo, a Igreja renunciou ao seu absolutismo a esse respeito. Ela diz hoje, ou pelo menos a maioria dos teólogos dizem, que essas crianças não são responsáveis pelas faltas de seus pais; que a responsabilidade não começa senão do momento em que tendo a possibilidade de ser esclarecida, não se lhe recusa, e que desde então essas crianças não são condenadas por não terem recebido o batismo; que ocorre o mesmo com os selvagens e os idolatras de todas as seitas. Alguns vão mais longe; reconhecem que, pela prática das virtudes cristãs, quer dizer, da humildade e da caridade, pode-se ser salvo em todas as religiões, porque depende também da boa vontade de um Hindu, de um judeu, de um muçulmano, de um protestante quanto de um católico viver cristãmente; que aquele que vive assim está na Igreja pelo Espírito, se não está pela forma. **Não está aí o princípio: Fora da Igreja não há salvação ampliado e transformado neste: Fora da caridade não há salvação?** É precisamente o que o Espiritismo ensina, e, no entanto, por isso é declarado ser a obra do demônio. [...]. ⁽¹⁴⁾ (grifo nosso)

A máxima espírita “fora da caridade não há salvação” não deixa de ser um contraponto à crença de que “fora da igreja não há salvação” algo exclusivista que não se coaduna com a Justiça e Misericórdia Divinas.

Em setembro, artigo “O novo bispo de Barcelona”, dentre os vários comentários de Allan Kardec, destacamos:

É verdade que não preconiza um culto às expensas do outro, que não lança o anátema a ninguém, sem isso seria o bem-vindo daquele do qual teria abraçado a causa exclusiva; mas é precisamente porque **é portador de uma palavra de**

13 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 241.

14 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 200-201.

união, à qual todos podem responder: “**Fora da caridade não há salvação,**” que vem fazer cessar os antagonismos religiosos, que fizeram derramar mais sangue do que as guerras de conquistas. ⁽¹⁵⁾ (grifo nosso)

Eis aí um resultado prático da aplicação do “fora da caridade não há salvação”: o respeito à opinião do outro, não maldizendo ninguém por pensar diferente.

8ª) Julho/1865: *O Que é o Espiritismo* (Nova edição revista e consideravelmente aumentada)

Do cap. I – Pequena conferência Espírita, tópico “Terceiro diálogo – o padre”, destacamos:

Padre. – Segundo os Espíritos, quem não crê neles nem nas suas manifestações, deve ser menos aquinhoado na vida futura?

A. K. – Se esta crença fosse indispensável à salvação dos homens, que seria daqueles que, desde o começo do mundo, não tiveram possibilidade de possuí-la, bem como daqueles que, durante ainda muito tempo, morrerão sem tê-la? Poderá Deus cerrar-lhes as portas do futuro?

Não; os Espíritos que nos instruem não são assim tão pouco lógicos; eles nos dizem: Deus é soberanamente justo e bom, não faz a sorte futura do homem subordinar-se a condições alheias à vontade deste; **eles não nos pregam que fora do Espiritismo não possa haver salvação, mas sim como o Cristo: *Fora da caridade não há salvação.*** ⁽¹⁶⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Fica claro, portanto, que não é o Espiritismo que salva, mas sim, as nossas ações no bem, representadas na máxima “Fora da caridade não há salvação”, que Jesus dá a entender quando diz que devemos “amar ao nosso próximo como a nós mesmos”, o que é impossível sem praticarmos a caridade.

Um pouco mais à frente, Allan Kardec, rebatendo o padre disse-lhe:

Vamos à questão da utilidade. Dizeis que o Espiritismo nada revela de novo. É um erro: ele ensina, ao contrário, muito àqueles que não se limitam a um estudo superficial. **Não fizesse ele mais que substituir a máxima: *Fora da caridade não há salvação*, que reúne os homens, àquela: *Fora da Igreja não há salvação*, que os divide, para que a sua vinda marcasse uma nova era à humanidade.** ⁽¹⁷⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

15 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 271.

16 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 144.

17 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 146.

Entendemos que ela foi criada especialmente para combater a ideia, então vigente, de que “Fora da Igreja não há salvação”. Esse enunciado só serve para dividir os homens em mil e uma seitas, gerando a ideia de “escolhidos” de Deus, enquanto que o “Fora da caridade não há salvação” une todos nós, independentemente do segmento religioso que cada um possa abraçar.

9ª) Abril-setembro-outubro/1866: *Revista Espírita*

Em abril, do artigo “O Espiritismo independente”, ressaltamos este trecho:

Há duas partes no Espiritismo: a dos fatos materiais, e a de suas consequências morais. A primeira é necessária como prova da existência dos Espíritos, também é aquela pela qual os Espíritos começaram; **a segunda, que dela decorre, é a única que pode levar à transformação da Humanidade pela melhoria individual. A melhoria é, pois, o objetivo essencial do Espiritismo. É para o que deve tender todo espírita sério.** Tendo deduzido essas consequências segundo as instruções dos Espíritos, **definimos os deveres que essa crença impõe; o primeiro inscrevemos sobre a bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação*, máxima aclamada**, em seu aparecimento, como o facho do futuro, e que logo deu a volta ao mundo em se tornando a palavra de união de todos aqueles que veem no Espiritismo outra coisa do que um fato material. Por toda a parte ela foi acolhida como símbolo da fraternidade universal, como uma garantia de segurança nas relações sociais, como a aurora de uma era nova, onde devem extinguir os ódios e as dissensões. Compreende-se-lhe tão bem a importância, que já se lhe recolhem os frutos; entre aqueles que dela fazem uma regra de conduta, reinam a simpatia e a confiança que fazem o encanto da vida social; em todo Espírita de coração, vê-se um irmão com o qual se é feliz em encontrar-se, porque **sabe-se que aquele que pratica a caridade não pode nem fazer nem querer o mal.** ⁽¹⁸⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

O Codificador explica que a máxima *Fora da caridade não há salvação* é o primeiro dever moral dos espíritas, pois somente através da caridade é que demonstraremos que amamos ao próximo como a nós mesmos.

Em setembro, do artigo “Crônica bruxelense”, temos na explicação de Allan Kardec algo que vem consolidar tudo quanto já dissemos:

Se o Sr. Bertram tivesse lido os livros espíritas com tanta atenção quanto o diz, saberia se os Espíritas são bastante simples para evocar o Judeu Errante ou dom Quixote; saberia o que o Espiritismo aceita e o que desaprova; não se afligiria em apresentá-lo como uma religião, porque, com o mesmo título, todas as filosofias

18 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 113.

seriam religiões, uma vez que é de sua essência discutir as próprias bases de todas as religiões: Deus, e a natureza da alma. Compreenderia, enfim, que se jamais o Espiritismo se tornasse uma religião, não poderia se fazer intolerante sem negar seu princípio que é a fraternidade universal, sem distinção de seita e de crença; **sem abjurar sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência**. Jamais disse: “*Fora do Espiritismo não há salvação*.” Se uma religião se encaixasse no Espiritismo, com exclusão desses princípios, não seria mais o Espiritismo. (¹⁹) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Então, fica clara a posição do Codificar com relação à máxima: “símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência”.

Em outubro, artigo “Os tempos são chegados”, destacamos o seguinte parágrafo:

Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, **princípio de união, de tolerância, que unirá os homens num comum sentimento de fraternidade, em lugar de dividi-los em seitas inimigas**. Por este outro princípio: Não há fé inabalável senão aquela que pode olhara razão face a face em todas as épocas da Humanidade, destrói o império da fé cega que anula a razão, da obediência passiva que embrutece; ele **emancipa a inteligência do homem e levanta seu moral**. (²⁰) (grifo itálico do original, negrito nosso)

Novamente, Allan Kardec vem reafirmar quanto ser a máxima do Espiritismo um “princípio de união, de tolerância, que unirá os homens num comum sentimento de fraternidade”, longe, portanto, de vê-la como se fosse uma moeda de troca.

10ª) Fevereiro-dezembro/1868: *Revista Espírita*

No mês de fevereiro, em Bibliografia, o Codificador faz comentários à obra *Resumo da Doutrina Espírita*, publicada por Florent Loth, dentre os quais ressaltamos:

Sua ignorância das tendências do Espiritismo é tal que não sabem mesmo que é uma doutrina liberal, emancipadora da inteligência, inimiga da fé cega, que vem proclamar a liberdade de consciência e o livre exame como base essencial de toda crença séria. Não sabem mesmo que o primeiro escreveu sobre sua bandeira esta imortal máxima: *Fora da caridade não há salvação*, **princípio de união e de**

19 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 267.

20 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 299.

fraternidade universais, o único que pode pôr um termo aos antagonismos dos povos e das crenças; quando o creem puerilmente absolvido por uma mesa que gira, não desconfiam de que a criança deixou o brinquedo pela armadura, que cresceu e que abarca agora todas as questões que interessam o progresso da Humanidade. [...]. ⁽²¹⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Allan Kardec mantém-se coerente com o que já havia dito a respeito da máxima.

Em dezembro, no artigo “Sessão anual comemorativa dos mortos”, realizada em 1º de novembro, o Codificador publica o seu discurso de abertura, cujo título foi “O Espiritismo é uma religião”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Qual é, pois, **o laço que deve existir entre os Espíritos**? Eles não são unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual é o sentimento no qual devem se confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: **o da caridade para todos, de outro modo dito: o amor do próximo** que compreende os vivos e os mortos, uma vez que sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; é porque pode se dizer que não há verdadeiro Espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, da qual é necessário bem compreender toda a importância; e se os Espíritos não cessam de pregá-la e de defini-la, é que, provavelmente, reconhecem que isto é ainda necessário.

O campo da caridade é muito vasto; ele compreende duas grandes divisões que, por falta de termos especiais, podem designar-se pelas palavras: *Caridade beneficente e caridade benevolente*. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais dos quais se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todo o mundo, do mais pobre como do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nenhuma outra senão a vontade pode pôr limites à benevolência.

O que é preciso, pois, para praticar a caridade benevolente? Amar seu próximo como a si mesmo: ora, amando-se ao seu próximo quanto a si mesmo, se o amará muito; se agirá para com outrem como se gosta que os outros ajam para conosco, não se desejará nem se fará mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

Amar seu próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, em uma palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar os seus inimigos e restituir o bem onde haja o mal; é ser indulgente para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho de seu vizinho, então que não se vê a trave que está no

21 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 63.

seu; é ocultar ou desculpar as faltas de outrem, em lugar de se comprazer em pô-las em relevo pelo espírito de denegrir; é ainda não se fazer valer às custas dos outros; de não procurar esmagar ninguém sob o peso de sua superioridade; de não desprezar ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é uma palavra vã; é caridade do verdadeiro Espírita como do verdadeiro cristão; aquela sem a qual aquele que diz: *Fora da caridade não há salvação*, pronuncia a sua própria condenação, neste mundo tão bem quanto no outro. ⁽²²⁾ (grifo itálico do original, negrito nosso)

Novamente Allan Kardec volta a definir o que seja a caridade, e ele não deixa de ligá-la à famosa frase de Jesus “amar ao próximo como a si mesmo”.

Qual é a sua importância para o Espiritismo?

No primeiro parágrafo desse artigo dissemos que a frase “fora da caridade não há salvação” é uma máxima espírita. Julgamos que ao longo das transcrições isso fica evidente nos comentários de Allan Kardec, mas seria interessante deixarmos isso mais claro. Em razão disso, vamos fazer uma espécie de resumo do que já foi dito:

a) [...] é por esta razão que **o Espiritismo diz**: *Fora da caridade não há salvação*. ⁽²³⁾

b) [...] a garantia do sucesso está **nesta divisa**, que é a de todos os verdadeiros espíritos: *Fora da caridade não há salvação*. [...]. ⁽²⁴⁾

c) [...] uma mesma **bandeira deve vos guiar**, e sobre esta bandeira está escrito: *Fora da caridade não há salvação*. [...] *gravi-a em vossos corações*, [...]. ⁽²⁵⁾

d) [...] O Espiritismo **tem por divisa**: *Fora da caridade não há salvação*, o que equivale dizer: *Fora da caridade não pode existir verdadeiros espíritos*. Solicito-vos inscrever, daqui para frente, esta divisa em vossas bandeiras, [...]. ⁽²⁶⁾

e) [...] o Espiritismo que vem, em nome do Evangelho, proclamar a fraternidade entre os diferentes cultos, e cimentar a união inscrevendo **sobre sua bandeira**: *Fora da caridade não há salvação*. ⁽²⁷⁾

f) [...] definimos os deveres que essa crença impõe; o primeiro inscrevemos sobre **a bandeira do Espiritismo**: *Fora da caridade não há salvação*, máxima aclamada, em seu aparecimento, como o facho do futuro, [...]. ⁽²⁸⁾

g) [...] sem abjurar **sua divisa**: *Fora da caridade não há salvação*, símbolo mais explícito do amor ao próximo, da tolerância e da liberdade de consciência. [...]. ⁽²⁹⁾

22 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 359-360.

23 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 15.

24 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 36.

25 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 277-278.

26 KARDEC, *Viagem Espírita* 1862, p. 45.

27 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 336-338.

28 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 113.

29 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 267.

h) [...] o primeiro escreveu sobre **sua bandeira** esta imortal máxima: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união e de fraternidade universais, [...]. (30)

Assim, para nós não resta dúvida alguma de que o “fora da caridade não há salvação” é uma máxima espírita. Mas para consolidar de definitivamente isso, recorreremos ao “Projeto de regulamento para o uso de Grupos e pequenas Sociedades Espíritas”, publicado em *Viagem Espírita em 1862*, proposto pela Sociedade Central de Paris, tendo em vista manter a unidade de princípios e de ação. No item 2, temos:

2. A sociedade declara aderir aos princípios formulados no “O Livro dos Espíritos” e no “O Livro dos Médiuns”.

Ela se coloca sob a proteção do Espírito de... que escolhe como seu guia e presidente espiritual.

Ela toma por divisa:

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ VERDADEIRO ESPÍRITA. (31) (maiúscula do original, o negrito é nosso)

Para finalizar, vamos transcrever “Pensamentos íntimos de Allan Kardec, num documento achado entre os seus papéis” inseridos em *Obras Póstumas*, que, por óbvio, foi publicada depois do desencarne do Codificador:

Fora da caridade não há salvação

Estes princípios, para mim, não existem apenas em teoria, pois que os ponho em prática; faço tanto bem quanto o permite a minha posição; presto serviços quando posso; os pobres nunca foram repelidos de minha porta, ou tratados com dureza; foram recebidos sempre, a qualquer hora, com a mesma benevolência; jamais me queixei dos passos que hei dado para fazer um benefício; pais de família têm saído da prisão, graças aos meus esforços. Certamente, não me cabe inventariar o bem que já pude fazer; mas, do momento em que parecem esquecer tudo, é-me lícito, creio, trazer à lembrança que a minha consciência me diz que nunca fiz mal a ninguém, que hei praticado todo o bem que esteve ao meu alcance, e isto, repito-o, sem me preocupar com a opinião de quem quer que seja.

A esse respeito trago tranquila a consciência; e a ingratidão com que me hajam pago em mais de uma ocasião não constituirá motivo para que eu deixe de praticá-lo. A ingratidão é uma das imperfeições da Humanidade e, como nenhum de nós está isento de censuras, é preciso desculpar os outros, para que nos desculpem, de sorte a podermos dizer como Jesus-Cristo: “atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”. Continuarei, pois, a fazer todo o bem que me seja possível,

30 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 63.

31 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 113.

mesmo aos meus inimigos, porquanto o ódio não me cega. Sempre lhes estenderei as mãos, para tirá-los de um precipício, se se oferecer oportunidade.

Eis como entendo a caridade cristã. Compreendo uma religião que nos prescreve retribuamos o mal com o bem e, com mais forte razão, que retribuamos o bem com o bem. Nunca, entretanto, compreenderia a que nos prescrevesse que paguemos o mal com o mal. ⁽³²⁾

Percebe-se, portanto, que a máxima espírita “fora da caridade não há salvação” não era letra-morta para Allan Kardec, um bom exemplo que deveria ser seguido por todos nós que adotamos os princípios do Espiritismo como prática de vida.

Conclusão

Quem acha que o “fora da caridade não há salvação” funciona como algo parecido com uma moeda de troca, na verdade, está provando que não estudou as obras espíritas ou, então, as leu sem entender nada, como muitas vezes acontece ao fincarmos pé em nossos preconceitos, atitude que faz com que não enxerguemos o óbvio.

Essa máxima, como vimos, é a aplicação incontestadaquilo que Jesus recomendou a todos nós “[...] amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Mateus 19,19).

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Dez/2020.

Revisores: Hugo Alvarenga Novaes

Rosana Netto Nunes Barroso

Referências bibliográficas:

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.

32 KARDEC, *Obras Póstumas*, 371-372.

- KARDEC, A. *O Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Viagem Espírita 1862*. Matão (SP): O Clarim, 2000.